A REVISÃO DE LITERATURA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL: PRESSUPOSIÇÕES METODOLÓGICAS

Camila Escudero

Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a técnica de revisão de literatura (RL), especificamente no campo da Comunicação Social, enfatizando que seu valor e qualidade estão diretamente relacionados ao domínio de seus procedimentos e rigor metodológico. Para isso, realizamos, propositadamente, uma revisão de literatura sobre o tema, abrangendo desde definições e conceitos, a implicações práticas, entre elas: as pesquisas bibliográfica e documental, leitura crítica e organização do material e aspectos técnicos da redação científica. Como resultado principal, buscamos evidenciar a importância da RL como uma atividade contínua e constante da pesquisa científica, seja em que nível for, que deve ter como meta a descrição sistemática e rigorosa de um corpo do conhecimento, bem como a construção de um argumento e, consequentemente, a proposta de um novo olhar sobre um tema, um objeto de estudo, ou uma realidade social.

Palavras-chave: Revisão de literatura. Comunicação Social. Aspectos metodológicos.

THE LITERATURE REVIEW IN THE SOCIAL COMMUNICATION FIELD: METHODOLOGICAL ISSUES

ABSTRACT

This paper aims to reflect about the literature review technique (LR), specifically in the Social Communication field, emphasizing that its value and quality are directly related to knowhow of its procedures and methodological rigor. For this, we did a literature review about the topic, covering from definitions and concepts to practical implications, as: bibliographic and documentary research, critical reading and organization of material and technical aspects of scientific writing. As a main result, we highlight the importance of LR as a continuous and constant activity into scientific research, at whatever level, which should aim at the systematic and rigorous description of a knowledge

corpus, as well as the construction of an argument and consequently, the proposal for a new view about a theme, an object of study, or a social reality.

Keywords: Literature review. Social Communication. Methodologic aspects. Research technique.

“Nenhuma língua é per si clara ou obscura, o pensamento que através dela se comunica é que é claro, obscuro, contundente ou não”
(Evanildo Bechara, 2000).

INTRODUÇÃO

A ideia deste artigo surgiu da dificuldade apresentada por alunos durante aulas em programas de pós-graduação em Comunicação Social. Seja na disciplina específica de metodologia científica, seja em disciplinas temáticas, ou ainda em orientações, observamos serem recorrentes as dúvidas sobre como fazer uma revisão de literatura para o projeto de pesquisa, dissertação ou tese, ou mesmo para um artigo acadêmico. A dificuldade dos estudantes parece abranger não só a falta de familiaridade com a escrita científica, mas o desconhecimento de um conjunto de procedimentos para realizar a revisão, bem como o entendimento da importância dessa etapa do trabalho para o desenvolvimento da pesquisa.

Dessa maneira, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a elaboração de uma revisão de literatura, enfatizando que o valor da técnica e a qualidade do resultado estão diretamente relacionados ao seu domínio e rigor metodológico. Para isso, realizamos, propositadamente, uma revisão de literatura sobre o tema, abrangendo desde definições e conceitos, a implicações práticas, entre elas: as pesquisas bibliográfica e documental, leitura crítica e organização do material e aspectos técnicos da redação científica.

E, apesar de usar como referências obras de variadas áreas do conhecimento – especialmente da Saúde e da Educação – adotamos como recorte o campo da Comunicação Social, devido à nossa experiência empírica e a necessidade de esclarecer a falsa ideia de que, por reunir pesquisadores oriundos, majoritariamente, dos cursos de graduação de Jornalismo, Publicidade ou Relações Públicas (conhecidos, por vezes, como “profissionais do texto”), não há maiores dificuldades na produção de uma RL, especificamente na etapa de redação.

DESMISTIFICANDO A REVISÃO DE LITERATURA

Toda pesquisa científica, independentemente da área do conhecimento em que está inserida, requer uma revisão de literatura (RL). Na Comunicação Social, não seria diferente. Conhecida também como “estado da arte”, “referencial teórico”, levantamento bibliográfico, entre outros termos¹, trata-se, *grosso modo*, de um texto – elaborado a partir da leitura de livros, manuais, documentos, dissertações, teses e artigos acadêmicos, material de revistas e jornais etc. – no qual o autor da pesquisa irá demonstrar não apenas seu conhecimento sobre o tema e/ou objeto estudado (a fim de compreendê-lo melhor), mas de que maneira ele vem sendo abordado, por quais autores e estudiosos, em que escolas, correntes e paradigmas etc. Além disso, é a partir desse referencial teórico demonstrado que o pesquisador constrói metodologicamente um argumento que vai embasar todo o desenvolvimento do trabalho, resultando na verificação da hipótese, na interpretação dos resultados, na resposta do problema de pesquisa proposto, e no alcance dos objetivos.

É importante lembrar que todo discurso científico pretende demonstrar uma posição amadurecida do pesquisador a respeito do tema e que em todo trabalho científico a idéia do(s) autor(es) que estão desenvolvendo a pesquisa deve estar explicitada (ECHER, 2001, p. 8).

Apresentada dessa maneira, tem-se a impressão inicial de que a revisão de literatura é parte integrante apenas do projeto de pesquisa, uma vez que se relaciona com tema, problema, objetivos, hipóteses etc. Total engano. Assim como os manuais acadêmicos para elaboração de projetos de pesquisa determinam que a RL (ou outro termo correspondente) deve ser um dos tópicos da estrutura do projeto, ela também é necessária em todas as etapas do desenvolvimento da pesquisa, independentemente de ser escrita no formato de um projeto, de uma dissertação, de uma tese ou de um artigo acadêmico. Evidentemente, de acordo com a etapa na qual ela é realizada, tem uma função específica.

¹ Em mapeamento na base de periódicos nacionais e internacionais da Capes, Tondeur et al. (2011) identificam as seguintes denominações para estudos que realizaram revisões de literatura: levantamento bibliográfico, revisão de literatura, revisão bibliográfica, estado da arte, revisão narrativa, estudo bibliométrico, revisão sistemática, revisão integrativa, meta-análise, metassummarização e síntese de evidências qualitativas. Já em artigo sobre o tema voltado para a área da Educação, Vosgerau e Romanowski (2014) detalham com precisão cada um desses termos identificados.

Trentini e Paim (1999), colocam que, quando realizada na fase do projeto, a RL é necessária para apoiar decisões do estudo, instigar dúvidas, verificar a posição de autores sobre uma questão, atualizar conhecimentos, reorientar o enunciado de um problema, ou ainda, encontrar novas metodologias que enriqueçam o projeto de pesquisa. Quando realizada na fase da pesquisa propriamente dita, serve para reconhecer a unidade e a diversidade interpretativa existente no eixo temático em que se insere o problema em estudo, ampliar e ramificar a análise interpretativa, bem como para compor as abstrações e sínteses que qualquer pesquisa requer colaborando para a coerência nas argumentações do pesquisador. Nas dissertações e teses desenvolvidas no campo da Comunicação, costuma aparecer de maneira mais explícita nos conhecidos “capítulos teóricos”, no qual o autor da pesquisa propõe uma reflexão sobre os conceitos utilizados no estudo.

Vosgerau e Romanowski (2014) chegam a nomear a RL de acordo com essas duas etapas. Segundo as autoras, os chamados “estudos de revisão: mapeamento” (correspondente à primeira fase, do projeto) teria como finalidade central levantar indicadores que fornecem caminhos ou referências teóricas para novas pesquisas.

Esses indicadores podem ser constituídos a partir de informação de ordem qualitativa, como é o caso das revisões bibliográficas e pesquisas do tipo estado da arte e a partir de informações qualitativas que decodificadas se transformam em dados quantitativos como é o caso das revisões bibliométricas (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 174-175).

Já os chamados “estudos de revisão: avaliações e sínteses” (correspondente à segunda fase, da pesquisa em si), envolvem ir além da necessidade de apontamentos para novas pesquisas, mas da necessidade de “se verificar como e em que condições estas evidências se repetem e mesmo sobre aplicabilidade” das mesmas. “Nessa perspectiva, destacamos as revisões que avaliam e sintetizam resultados de pesquisas” (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 175).

Outra questão que frequentemente causa bastante confusão entre os estudantes de pós-graduação é a RL como técnica ou instrumento de pesquisa. Um trabalho científico na área da Comunicação Social pode ter como objetivo a realização de uma pesquisa empírica (no sentido de ir a campo), de caráter exploratório, participante, descritivo etc.; a análise de veículos de

comunicação, narrativas, discursos; a recepção de conteúdos midiáticos; entre inúmeras outras possibilidades. Nesse caso, a RL serve como base teórico-metodológica para o desenvolvimento do trabalho, conforme descrito acima. Porém, a pesquisa proposta pode ser, por si só, uma RL, ou seja, trabalhos que se propõem a estudar e analisar um corpo de conhecimento – a partir de obras e material escrito de outros autores – que constrói um argumento para buscar resposta a uma pergunta específica ou explicar determinado fenômeno e/ou realidade².

No campo da Comunicação, são inúmeros os exemplos desse tipo de estudo. Apenas para citar um, destacamos aqui a tese de doutorado de Rubens Lopes Jr., defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Intitulada “O morro foi feito de samba: Uma análise do samba como manifestação marginal à luz da teoria folkcomunicação”, propõe classificar o samba como um gênero subversivo e marginal em relação ao discurso oficial, portanto, um elemento da corrente teórica conhecida como Folkcomunicação. Para isso, faz uma vasta revisão de literatura de obras sobre a história da música ocidental, a formação do Brasil a partir de etnias (índios, negros e portugueses), a criação e o desenvolvimento do samba especificamente, a formação da cidade do Rio de Janeiro, entre outras temáticas. A partir dessa análise, o autor cria e expõe seu argumento a fim de chegar às suas conclusões.

Em suma: a RL é parte vital do processo de investigação, seja qual for o objetivo da pesquisa científica. Ela ajuda na delimitação dos aspectos básicos (problema, hipótese, objetivos etc.), esclarece sobre novas linhas de investigação e perspectivas metodológicas, amplia, sistematiza e constrói o conhecimento, e evita abordagens infrutíferas, bem como a “reinvenção da roda” a todo momento, isto é, despender esforços em problemas cuja solução já está dada ou pesquisar o que já foi pesquisado. Além disso, conforme sugere Bento (2012, p. 2), a RL também identifica recomendações para pesquisas futuras. “Estudos de investigação, muito frequentemente, terminam com mais questões de investigação e sugestões para outras investigações. Muitos alunos de mestrado e doutoramento encontraram as suas ideias de investigação em outros estudos”.

² Lembramos que este próprio artigo é baseado em RL.

A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL COMO PONTO DE PARTIDA PARA A RL

Uma RL é feita a partir de uma pesquisa bibliográfica e, em alguns casos, documental.

[a pesquisa bibliográfica é] um conjunto de conhecimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário (STUMPF, 2011, p. 54).

Já a pesquisa documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. “Como método, pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação” (MOREIRA, 2011, p. 272).

Em ambos os casos, tais pesquisas só devem ser iniciadas depois que os temas geral e específico do estudo proposto estiverem bem definidos e claro. Stumpf (2011) recomenda ainda delimitar o tema em um tempo e um espaço específico, ou seja, definir, se possível, o período e área geográfica que vai estudar. “Procedendo desta forma, evitará perda de tempo em revisar fontes bibliográficas inadequadas a seu propósito” (STUMPF, 2011, p. 55).

Assim, o primeiro passo é realizar o levantamento bibliográfico e documental que abrange os temas da pesquisa. Esse levantamento é feito, de forma conjunta, em bibliotecas, internet, universidades, bancos de dados e demais acervos e envolvem peças como: livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses, revistas científicas (dossiês costumam ser interessantes por reunirem vários estudos sobre uma mesma temática) etc. Recomenda-se um levantamento exaustivo, incluindo a tradução dos temas envolvidos para o inglês ou outros idiomas que o pesquisador domine a fim de reunir ainda obras internacionais. Além disso, no campo da Comunicação, mesclar trabalhos pioneiros e clássicos com contemporâneos tem-se mostrado fundamental para garantir um panorama completo do estado da arte do tema estudado. “Devido à constante evolução dos conhecimentos, deve-se começar por rever os trabalhos mais recentes primeiro e recuar no tempo” (BENTO, 2012, p. 1).

Nesse contexto, há três estratégias que costumam ser bastante frutíferas. A primeira consiste nas indicações do orientador, geralmente alguém que pesquisa o tema há mais tempo e, portanto, tende a ter mais leituras a respeito. “Ele poderá indicar, com mais propriedade, o material básico ou fundamental para a investigação. Mas limitar-se a esta indicação pode ser,

e certamente é, muito pouco. Espera-se que quem vá investigar um tema transcenda os saberes dos mestres e, através de sua própria busca, traga inovações e atualizações para a temática estudada” (STUMPF, 2011, p. 56).

A segunda é consultar a lista de referências dos trabalhos já produzidos, ainda mais aqueles cujas temáticas ainda não foram tão exploradas. Nelas, constam as fontes que os autores se basearam para desenvolver o trabalho que também poderão ser úteis para o levantamento que vem sendo desenvolvido e já estão, de certa maneira, “recortadas” pelo tema. E aqui seguem duas observações:

1. É natural que muitos alunos, principalmente no nível do mestrado, ao iniciar o estudo de um tema, adquira a impressão de que sua proposta é inédita e não há nada sobre o assunto. Mas essa perspectiva, em geral, é resultado de um desconhecimento. “Quando um pesquisador inicia o processo de revisão da literatura é pouco provável que o assunto tratado nunca tenha sido abordado por outra pessoa, pelo menos em parte ou de forma indireta” (BENTO, 2012, p. 1).
2. É essencial pesquisar fontes primárias essencialmente e evitar, ao máximo, o chamado *apud*³. Se alguma ideia citada por um autor pesquisado a partir de outro autor se mostrar, na obra analisada, essencial para a RL que está sendo produzida, o pesquisador deve buscar essa outra obra e estudá-la na íntegra. “O pesquisador precisa preocupar-se em examinar principalmente as fontes primárias (leitura do texto original) e somente ficar com fontes secundárias, quando o texto original for inacessível. A importância deste cuidado é precaver-se de interpretações errôneas por parte do autor que se está consultando e que citou o outro” (ECHER, 2001, p. 17).

Por fim, uma terceira estratégia bastante produtiva é frequentar congressos acadêmicos, acompanhando apresentações de trabalhos com a mesma temática ou temática correlacionada. Além de se atualizar sobre o assunto, compreende-se outros recortes e olhares, adquire-se novas referências bibliográficas e se concretiza o diálogo com outros pesquisadores que trazem, naturalmente, outras leituras, referências e “bagagem intelectual”.

³ Termo empregado em bibliografia para designar a origem de uma citação indireta.

Sobre essa última estratégia, faz-se necessário uma observação. Constituído por uma referencial interdisciplinaridade, o campo da Comunicação dialoga com diversos outros, como Antropologia, História, Linguística, Psicologia, Sociologia, Ciência Política, Educação etc. Nesse sentido, frequentar eventos acadêmicos (e consultar bibliografias) de outras áreas é interessante e enriquecedor, porém, é preciso moderação. “Por ser abrangente e mutante, o campo da Comunicação, ao mesmo tempo em que permite aos pesquisadores a utilização de técnicas peculiares a outras áreas do conhecimento, está mais suscetível a riscos se o objeto da pesquisa não estiver prévia e claramente definido” (MOREIRA, 2011, p. 270).

O mesmo vale para os recursos teóricos utilizados. Ao abrir muito o leque de conceitos, escolas, correntes teóricas, autores etc. utilizados em outras áreas, há a possibilidade de o pesquisador “se perder” na construção do argumento em sua RL ou realizar um trabalho superficial, com falhas na reflexão teórica. E, além de tudo, “fazer pesquisa em áreas que não conhecemos é muito difícil e acarreta desgastes até que dominemos o assunto” (ECHER, 2001, p. 8).

LEITURA CRÍTICA E ORGANIZAÇÃO DA LITERATURA CONSULTADA

À medida que o pesquisador tem acesso e vai reunindo obras e documentos que, em um primeiro momento, julgue importante para o desenvolvimento do seu estudo é preciso organizar o material. Isso vai facilitar não só a sistematização do conhecimento que pretende demonstrar, mas o caminho do pensamento que está disposto a percorrer (a construção do argumento metodológico), bem como a própria redação do texto da RL.

Cada pesquisador tende a desenvolver uma técnica de organização que melhor lhe convém. Ressalta-se ainda que, desse ponto para frente o trabalho de RL é bastante solitário, uma vez que envolve leituras, análises e reflexões de caráter pessoal e individual. Muitos pesquisadores preferem produzir em ambientes silenciosos, tendo o computador como única companhia. Outros costumam formar grupos de estudos com colegas que tenham interesse na obra para uma discussão coletiva e melhor entendimento do conteúdo quando for utilizá-la no seu trabalho. Seja como for, é a prática que leva cada pesquisador a desenvolver seus processos de produção científica.

No geral, faz-se necessário cumprir algumas etapas. A primeira é ler superficialmente a obra selecionada tendo em mente a seguinte questão: “Como

é que isso se relaciona com o meu estudo?” Nessa fase é preciso ser seletivo e prático. Se não verificar uma relação direta e pontual, descartar (por mais interessante que possa ser o texto e/ou o pensamento do autor). Porém, se verificar, passar para a segunda etapa: ler profunda e criticamente a obra.

Isto envolve questionar, especular, avaliar, repensar (...) o que lê. Que perspectivas originais pode você reunir acerca do seu tópico e não abordadas em nenhuma das referências? Que aspectos importantes, factos e opiniões se relacionam com o seu estudo? Há questões importantes que não foram bem abordadas? À medida que for lendo, procure temas, questões, e pontos comuns entre os vários autores (BENTO, 2008, p. 3).

É recorrente que, na ânsia de demonstrar todo seu conhecimento e maturidade intelectual, o pesquisador recorra ao maior número possível de autores, obras, documentos e queria incluir tudo o que já leu ao longo da vida ou a material de fontes duvidosas. Porém, é preciso primar pela objetividade e senso crítico. Além disso, a RL “não é uma compilação de cada livro e artigo relacionado com o seu tópico” (BENTO, 2012, p. 2).

O pesquisador deve recorrer a um referencial teórico devidamente comprovado e vinculado, de fato, ao objeto de estudo. Isso significa a não-utilização de conhecimentos advindos do senso comum, de textos eletrônicos ou não, cuja autoria não está devidamente evidenciada e, também, de fontes pelo simples fato de estarem ‘na moda’ (TARGINO, 2011, p. 370).

Nessa fase de leitura profunda e crítica da obra, há alguns procedimentos no sentido de facilitar a organização do material. Vale lembrar que o processo de produção da pesquisa – da elaboração do projeto à entrega ou publicação do relatório final (dissertação, tese ou artigo) – é longo e muito material é consultado. Se não houver uma organização rigorosa do pesquisador, será difícil de se lembrar “onde leu tal coisa”, “que autor fala de determinado conceito”, onde está o detalhamento dos indicadores x , y , z ” e assim por diante.

Assim, se o livro ou o documento analisado for de propriedade do estudante, o recomendado é grifar as principais ideias e conceitos do autor, fazer anotações na lateral, colar os conhecidos “*post-its*” com comentários próprios, questionamentos etc. É importante também realizar uma breve pes-

quisa sobre o autor e a obra (no Google, mesmo) para identificar sua origem, referências, escolas e correntes teóricas a que pertencem, as circunstâncias da realização do estudo (quando, onde e por que), além de outros trabalhos eventualmente produzidos – que costumam ajudar na pesquisa desenvolvida.

Se o material analisado for emprestado e precisará ser devolvido, o ideal é que o pesquisador abra um documento no Word (ou qualquer outro editor de texto) para cada obra e faça a transcrição literal dos trechos importantes, ou mesmo tire fotos com o celular, indicando a página onde ele está localizado, e escreva breves comentários ou críticas a partir do entendimento que se tem na obra, em uma espécie de fichamento.

Neste momento, lendo a idéia do(s) autor(es), muitas vezes nossas próprias idéias ainda não estão amadurecidas, mas é importante irmos registrando essas pequenas idéias no computador para, posteriormente, conseguirmos escrevê-las de uma forma melhor. Nossas idéias devem ser identificadas com letra diferente ou cor diferente para caracterizar que o texto é do pesquisador, para não misturarmos com nosso levantamento bibliográfico (ECHER, 2001, p. 13).

É relevante, também, no início do documento, colocar a referência completa da obra analisada a fim de facilitar a citação no trabalho final, já que o estudante não estará mais de posse do material na ocasião da redação final. Nesse caso, os arquivos devem ser salvos em uma pasta específica, com o nome do autor e/ou obra para facilitar a localização e identificação⁴.

(...) faz-se necessários um sistema de classificação do material tanto em pastas físicas quanto virtuais, com as mesmas denominações. Essa organização de pastas no computador contendo o material consultado virtualmente e cópias de capítulos de livros utilizados e organizados nas pastas físicas facilita a utilização deste material na produção de análises mais refinadas para seu futuro aprofundamento (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 170).

Destaca-se, por fim, a utilização de *softwares* que servem como instrumento ao pesquisador nesse processo de localização das obras, organização, catalogação, identificação do conteúdo etc. Apenas para citar alguns, bastante

⁴ É recomendado ainda, em caso de material emprestado, indicar nesse arquivo onde pegou a obra ou quem a emprestou. Devido ao volume de material lido durante uma pesquisa, não é raro o pesquisador se esquecer como teve acesso ao material.

utilizados atualmente: além dos próprios Word e Excel, EndNote, Mendeley, Sphinxs, NVivo, SPSS, Pajek, entre muitos outros. No entanto, “o valor e a credibilidade do estudo dependem fundamentalmente da transparência e do rigor empreendido pelo pesquisador” (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 183). Além disso, a RL se destaca pela capacidade e exatidão do pesquisador no julgamento denso e criterioso do material analisado e sua capacidade de articulação e diálogo na construção de um argumento. É uma tarefa intelectual, que pode e deve ser auxiliada por instrumentos tecnológicos, porém, ainda continua sendo da ordem do pensamento humano.

A REDAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DA RL

A RL só estará finalizada quando materializada em um texto, ou seja, quando o resultado da pesquisa é apresentado à comunidade científica, em formato de projeto de pesquisa, dissertação, tese ou artigo acadêmico. Por mais que os livros de metodologia ou os manuais expliquem como fazer, não há uma receita pronta para a redação desse texto. Isso porque, como vimos anteriormente, não se trata de um simples compilado (resumo ou resenha) de cada obra que o pesquisador lê, mas da junção de diversas ideias e informações – localizadas em tempos e espaços diferentes – colocadas em diálogo e contrapostas para a construção e demonstração de um novo argumento. “Do confronto da opinião de diferentes autores nasce uma posição a respeito de um determinado assunto” (ECHER, 2001, p. 8).

Nesse sentido, a redação da RL costuma ser uma das etapas da pesquisa mais sofríveis, especialmente para o pesquisador em fase inicial. E, engana-se quem pensa que na área da Comunicação Social não há esse tipo de problema, uma vez que lidamos, majoritariamente, com jornalistas, relações públicas e publicitários que, em teoria, aprenderam na graduação a dominar as técnicas da produção de texto. A estrutura de um texto jornalístico ou publicitário, por exemplo, definitivamente, não é a mesma de um texto científico.

Como divulgar resultados não é um complemento, mas uma etapa intrínseca e essencial à investigação, o pesquisador deve seguir padrões mínimos para facilitar a comunicação científica, em meio ao fluxo assombroso de dados gerados na sociedade contemporânea, tanto quando disponibiliza as informações que produziu, como quando busca aquelas que necessita (TARGINO, 2011, p. 366).

O texto de uma RL é informativo e não-linear, logo precisa ser claro, preciso e conciso para não dar margem a dúvidas. Quanto à estrutura, geralmente na área da Comunicação, aborda diferentes aspectos sobre um determinado assunto, e cada etapa ou conceito são discutidos em tópicos (capítulos ou subitens de capítulos), no desenvolvimento da pesquisa. Desnecessário dizer que o pesquisador deve dominar o vocabulário técnico, bem como as normas gramaticais do idioma em que é redigido. Essencial é que também haja o domínio das normas técnicas: Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), *American Psychological Association* (APA), *Chicago Style* (também conhecido como *Turabian Style*), *Modern Language Association* (MLA) etc., o que significa referenciar de forma correta as ideias dos autores e obras pesquisadas, até mesmo por questões éticas.

Como toda redação, os parágrafos devem ser coerentes e seguir uma sequência de ideias, para que fique claro onde o pesquisador quer chegar, ou seja, qual o argumento está construindo. Para isso, é preciso intercalar apresentações e reflexões próprias com a dos autores pesquisados, sejam elas citadas de forma direta ou indireta.

As citações literais são utilizadas quando as palavras do autor da obra pesquisada descrevem melhor uma determinada situação, quando o pesquisador deseja enfatizar dados encontrados em seu estudo e quando quiser realçar um material controverso (ECHER, 2001, p. 16).

Destaca-se que a função das citações, especialmente as diretas, é complementar, explicar, enfatizar e/ou exemplificar a ideia desenvolvida no parágrafo anterior. Além disso, pela natureza profunda de uma reflexão teórica, as ideias devem ser desenvolvidas à exaustão, e não de forma superficial, apenas com menção ao conceito ou termo trabalhado ou de um autor. E, também, não é recomendado colocar uma série de citações seguidas, sem reflexão do pesquisador, sob o risco de se criar um “Frankenstein” ou uma “colcha de retalhos”. Afinal, voltamos a dizer: não se trata de uma coletânea de ideias, mas de uma construção de um argumento com um objetivo específico.

A revisão deve assinalar a congruência e as contradições encontradas na literatura e os trabalhos que se relacionam diretamente ao assunto. As ideias dos autores devem ser descritas em detalhe resumindo-as em linguagem própria lembrando que, para facilitar a compreensão do leitor, a frase deve expressar uma só ideia e os períodos não devem ser muito longos (ECHER, 2001, p. 15).

Por fim, ressalta-se que não há um número de caracteres ou de páginas específico para se desenvolver uma RL. É a natureza da pesquisa (e do seu respectivo formato: projeto, dissertação, tese ou artigo) que vai determinar quais informações são relevantes pesquisar e demonstrar. Da mesma maneira, não há um prazo determinado para realizar a RL – a única coisa que sabemos é que requer tempo para pesquisa do material, leitura, análise, reflexão e redação, e isso não se faz do dia para noite. Nas palavras de Echer (2001, p. 10): “É oportuno lembrar que uma revisão pequena que abarque estudos pertinentes e organizada de maneira coerente é muito mais útil que uma apresentação aleatória de informações de pertinência discutível”.

Quando sabe que já tem o suficiente? Não há uma resposta precisa mas podemos dizer que você sabe que é tempo de parar quando começar a encontrar repetidamente as mesmas referências e não encontra novos recursos. É costume dizer-se que se pode parar quando se atingiu o ‘ponto de saturação’, isto é, quando já não se encontram ideias nem resultados novos, pois isso significará que já se domina bem o assunto em estudo (BENTO, 2012, p. 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma sucinta e prática, procuramos demonstrar com este artigo a importância da técnica da revisão de literatura para o desenvolvimento científico no campo da Comunicação Social, por meio de uma postura mais criteriosa e rigorosa por parte do pesquisador, especialmente os que estão em fase inicial na atividade. Além disso, buscamos evidenciar que a RL é uma atividade contínua e constante que deve ter como ponto de chegada a descrição sistemática e rigorosa de um corpo do conhecimento, bem como a construção de um argumento e, conseqüentemente, a proposta de um novo olhar sobre um tema, um objeto de estudo, ou uma realidade social.

Para isso, utilizamo-nos de conceitos e ideias de autores que já se debruçaram sobre essa reflexão em seus campos de atuação, bem como descrevemos alguns aspectos práticos, entre eles a questão da pesquisa bibliográfica e documental, da leitura crítica e organização do material e das características da redação científica, observados ao longo da nossa carreira acadêmica.

Evidentemente, não consideramos esta reflexão proposta uma ideia acabada sobre a produção da RL. Pelo contrário. Somos extremamente contra a ideia de uma “camisa de força” aplicada a processos científicos. No

entanto, ao defender a RL como parte intrínseca da pesquisa, ela se torna fundamental para uma questão maior: a da comunicação científica. Essa, na nossa visão, deve extrapolar o universo da academia, de sua comunidade (os pesquisadores) para circular na sociedade, afinal, a ciência está inserida a um contexto social amplo e diverso, cuja circulação do conhecimento é essencial para seu desenvolvimento. No entanto, seguir alguns aspectos formais, no que diz respeito ao rigor metodológico, se mostra fundamental para garantir, inclusive, a autenticidade e fidedignidade das informações pesquisadas.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Norma culta e democratização do ensino**. Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 4 jul. 2000. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm>. Acesso em: 12 fev. 2020.

Bento, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, N. 65, ano VII, p. 42-44, maio 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

ECHER, I. C. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. V. 22, N. 2, p. 5-20, jul. 2001.

LOPES JR., R. **O morro foi feito de samba: uma análise do samba como manifestação marginal à luz da teoria folkcomunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2018. 247 p.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. pp. 51-61.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. pp. 269-279.

TARGINO, M. das G. Libertação pela redação técnico-científica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. pp.364-379.

TONDEUR, J. et al. Preparing pre-service teachers to integrate technology in education: a synthesis of qualitative evidence. **Computers & Education**, N. 59, p. 134 -144, 2011.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem. Uma modalidade convergente-assistencial**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educação**, V. 14, N. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.